

**Projeto: Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória**

**Instituição responsável: Nota Musical Comunicação**

**[www.quilombosdojequitinhonha.com.br](http://www.quilombosdojequitinhonha.com.br)**

**Entrevistada: Vilma Alves Lopes**

**Comunidade São José do Mocó, município de Berilo, Vale do Jequitinhonha,  
Minas Gerais**

**Abril, 2014**

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte, conforme segue, e que não seja para venda ou qualquer fim comercial:

FOGAÇA, Sérgio; SYDOW, Evanize. *Nascida e criada na Folia de Reis – Entrevista de Vilma Alves Lopes. Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória*. São Paulo, Nota Musical Comunicação, 2017

### *Nascida e criada na Folia de Reis*

Bastante festejada em várias partes do Brasil, a Folia de Reis se mantém na comunidade de Mocó dos Pretos, próxima ao município de Berilo, muito pela tradição familiar e boa vontade de Vilma Alves Lopes. Ela conta que foi seu avô quem passou a festejar a Folia na comunidade e depois um tio manteve a tradição. Com a morte desse tio, Vilma pegou para si a responsabilidade e hoje em dia a festa abarca cerca de 800 pessoas. Comemorada no dia 6 de janeiro, o congado dá o tom musical sempre regado a comidas da terra, como o feijão tropeiro, arroz, biscoito de fubá e bolo. Segundo Vilma, no tempo de seus avós e tios a variedade era maior, com tutu de feijão e frango caipira, mas a animação e devoção continuam a mesma. Além da própria comunidade, também frequentam a festa pessoas de Alto Caititu, Agua Limpa, Muniz, Caititu do Meio e Badaró.

*Qual a origem do nome da comunidade São José do Mocó?*

Toda a vida a gente conheceu por esse nome, São José.

*Mas por que tem esse nome, de onde vêm?*

Mocó dos Pretos porque aqui é uma comunidade mais de gente negra mesmo. Já vem a tradição desde os antigos, que nós somos negros, então é documentado esse nome.

*Qual a história da Folia de Reis aqui?*

A gente foi crescendo com isso. Meu avô mexia com engenho, essas coisas, então acho que era a maneira deles se divertirem, era fazendo a Folia de Reis. Antes era feito dia 6 de janeiro e terminava dia 20 de janeiro, que é o dia de São Sebastião. Depois, nós, mais novos, só fazemos dia 6 de janeiro, a gente já não prolonga esse tempo de festa, 15 dias de festa. Mas nunca deixamos morrer de tudo, sempre a gente faz, e com muitas luzes coloridas, vermelho, amarelo, que para eles cada luz significa uma coisa.

*Quais são os significados?*

Eles diziam que o vermelho significa muita alegria, o amarelo para nunca faltar as coisas dentro de casa, que tem que ter muita comida, muita bebida. Quando eles passaram para nós, veio das mãos do meu tio, já não eram meus avós que faziam essa festa, era meu tio. Daí continuamos fazendo dia 6 de janeiro.

*Você disse que não prolonga mais, que antes era diferente?*

Porque antes acho que a comunidade era mais esforçada com essa festa cultural, e hoje já não é tão avançada. O povo antes pegava mais forte com essa festa. Os jovens de hoje não são tão enturmados com a festa, que é cultura, é comida, é dança, jogar verso. A gente tenta levar eles para esse rumo, mas é mais difícil. Antes, quando nossos pais levavam, a gente ia com amor, porque aquilo era uma coisa nossa. Hoje já não é tanto assim. Mas a gente tenta manter.

*Seus pais contavam quem passou para eles a Folia?*

Meu pai não era de falar muito, ele só levava a gente. A gente cresceu nessa festa, é nessa festa que eu quero que meu filho cresça. Para ele, significava muito, mas não chegou a dizer para a gente como aprendeu.

*Você lembra da festa desde pequenininha?*

Desde pequena.

*O que mudou daquela época para hoje na Folia?*

Como eu disse, mudou que os jovens não vão muito mais. Os antigos acabaram morrendo e não passaram para os novos os versos que eles sabiam. Então ficou uma Folia de Reis, mas sem aquele brasão que eles tinham, porque muitas coisas que eles tinham morreram e levaram com eles. Meu tio dizia assim: “a Folia de Reis para mim é um bastão. Eu só entrego a minha Folia quando eu morrer”. E eu até brincava com ele: “quando o senhor morrer, então, vai acabar, porque não está passando para ninguém”.

Só que infelizmente, antes de ele morrer, quando faltava um ano, ele já não estava bem, ele falou. “Gente, se eu morrer vocês não enterrem a festa, continuem fazendo”. E essas

festas são muito difíceis de fazer, porque são festas que você consegue pouco apoio e são muito caras. É muito difícil para a gente achar num órgão público uma ajuda, tem que ser com a comunidade. Dia 29 de dezembro a gente já começa a falar com as comunidades: “fulano, você vai doar alguma coisa para fazer a festa?”. Aqueles mais idosos doam com o coração, e a gente continua fazendo.

*O que tem a festa, como vocês organizam, que tipo de dança, que tipo de celebração? Qual o significado da festa e como ela acontece de fato?*

É como eu falo para os meninos, sempre alguém me pergunta, mas eu não sei, eu sei que eu achei na minha comunidade e não deixei acabar. Tem o congado, embora o congado não seja bem da Folia. A Folia hoje a gente faz mais com o congado. Meu avô criou essa festa, eu não sei dizer muito bem. Eu sei dizer que a gente sempre achou ela e mantém daquele jeito para não acabar. E também porque a festa de nossa comunidade traz muita gente. Mas é uma festa que a gente pegou pela metade. Tem a minha tia, que se ela não estivesse caducando, ela está com oitenta e poucos anos, ela poderia explicar melhor. Mas ela é evangélica e ela acha que poderia até acabar com isso. Hoje em dia ela fala “isso é besteira”.

*E o que a festa tem, como vocês organizam?*

Junta todo mundo, veste saia longa, colorida, bandeira colorida, joga muito verso. Levanta a bandeira de Santo Reis no dia 6. Daí tem comes e bebes, biscoito, comida. Antes tinha tutu, mas a gente não faz mais, hoje a gente faz feijão tropeiro, arroz, feijão. Mudou algumas coisas, não é mais como os antigos faziam, que era tutu, biscoito, frango caipira, coisas que crescemos vendo aqui. Essa cultura foi morrendo aos poucos. Hoje a gente faz feijão tropeiro e dança, tem um grupo de congado que vem. Levanta a bandeira, vai jogando verso e vai dando continuação à festa.

*O congado é daqui da comunidade mesmo?*

Sim, é a comunidade com mais algumas pessoas da cidade, alguns amigos de lá.

*Fora o congado, tem alguma outra dança?*

Tem o forró, além do congado.

*Mas na época da sua infância quais eram as danças?*

Era só o congado até o dia amanhecer. Só que hoje já não é mais até o dia amanhecer, e só tem o congado, o forró e a sanfona. Hoje a gente coloca muitos cantores para os jovens. Faz a missa às 15h, daí vai o congado, 19h levanta a bandeira, depois comes e bebes, e depois ainda já vêm os artistas para terminar a festa.

*Você falou que seu tio não queria passar o mastro para outro continuar, qual era o significado desse mastro para ele? Por que ele tinha tanto zelo por isso?*

Acho que significava muito na vida dele. Para mim, acho que aquilo era como se fosse a vida dele mesmo. Uma vez eu perguntei para uma pessoa da igreja porque que ele implicava de não deixar ninguém fazer a festa no próximo ano, mas ele dizia que só entregava essa festa depois de morrer. Mas ele nunca passou porque só ele fazia aquilo, mas só deixou depois que morreu.

*E ele passou, no caso é você quem está organizando?*

Isso. Desde pequenininha eu já acompanhava ele na festa. Depois que morreu, a gente ficou um ano sem fazer. Ele sempre brincava, “quando eu morrer não vou entregar, Dituca (ele me chamava assim), vai continuar fazendo a festa”. Aí a gente continuou fazendo, mas, como eu disse, uma cultura que era deles. Ele falava: “eu tenho vontade de morrer e deixar minha festa registrada”. Mas infelizmente isso não aconteceu.

*Quantas pessoas participam da festa?*

Mais de 800 pessoas.

*De várias comunidades? Quais?*

Berilo, Mocó, Alto Caititu, Água Limpa, Muniz, Caititu do Meio, Badaró, vem muita gente.

*Mas é uma tradição dessa comunidade e que as outras participam?*

Isso.

*O seu tio guardava essa tradição; quem passou para ele, foi seu avô?*

Sim, eram meus avós que faziam.

*E seu tio participava da festa desde pequeno?*

Sim, porque eram os pais dele que faziam. A gente já deixou morrer muitas coisas, porque antes tinham aqueles tachões de cobre. Quando eles morreram a gente vendeu. Tinha aquela bimbarra<sup>1</sup> que eles colocavam vinho, só que essas coisas não existem mais, muita gente nem conhece. Eu falo para meus filhos que conheci muita coisa dos meus avós que eles não conheceram, porque a gente deixou acabar. Para nós aquilo era tudo pesado, portanto, só tem ali um acento do meu avô que eu mostro para meus meninos. E não tem nem foto para mostrar as coisas.

*Até quando tinham essas coisas, mais ou menos?*

As bimbarras até uns 30 anos atrás, porque eu tenho 42 anos e lembro das bimbarras.

*Você percebe interesse nos mais novos em continuar a festa, tocando, dançando?*

Tem. Porque eu tenho filho de 22 anos e eles falam que tem que fazer, já acostumou, é um hábito, a comunidade espera aquele dia, não precisa nem falar que tem a festa, no horário os convidados já chegam.

*Há quanto tempo vocês fazem a festa?*

Tem dez anos.

*E com quanto tempo de antecedência você começa a preparar a festa?*

A gente começa com um mês de antecedência.

*E como vocês se dividem para preparar essa festa, quem faz o quê?*

Sempre tem umas meninas aqui na comunidade que ajudam. A gente pede para fazer biscoito, bolo, fazemos biscoito de fubá também. Eu fico mais com a parte da cozinha. A gente se divide, pede umas pessoas para dar o vinho, dentro da comunidade mesmo, e com o pessoal que vem de fora. Vai fazendo assim.

---

<sup>1</sup> Pipa grande para depositar ou transportar cachaça. Fonte:  
<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-0/html/index.htm#2>

*Você tem ideia de quantas famílias tem essa comunidade?*

A nossa comunidade tinha 74 famílias, só que muitos foram para São Paulo, agora não sei direito.

*Esse material que você falou que tinha antigamente, a bimbarra, tem alguma para gente ver?*

Não tem.

*E a idade da comunidade, você tem ideia aproximada, levando em conta de que seus pais e avós viviam aqui?*

A minha avó morreu com 98 anos, e tem 15 anos que ela morreu. Que a minha família vive aqui deve ter uns cento e poucos anos.

*Mas anteriormente, a comunidade já existia?*

Olha, dizem que a primeira casa desse povoado foi da minha avó.

*A casa ainda existe?*

*Caiu com as chuvas deste ano.*

*Você tem memória de algum escravo na sua família?*

A minha avó falava que ela era, ela saiu fugida e por isso veio para esse povoado aqui.

*Ela saiu de onde?*

Da escravidão, mas ela não explicava para gente direito. Essas pessoas não são muito de se abrir. Eles sabiam muita coisa, mas não se abriam com a família. Mas ela sempre dizia que a casa dela foi a primeira que teve aqui.

*Mas você sabe de onde ela veio, se foi de Minas Novas ou outro lugar?*

Não sei. Outro dia até estava falando sobre isso, ela chamava Ana Eulália de Souza, não se sabe o significado do nome dela.

(A voz de um senhor junto) – Eu acho que ela tinha família de índio.

*Mas você não lembra de nenhuma história que ela falava ou comentava, ou que sua mãe contava dela?*

Quando minha avó morreu eu já dormia com ela. Ela contava que foi judiada, que foi amarrada no pau, que elas pintavam pedrinha nas grotas. E a gente era mais nova e pensava que era caduquice. Mas minha mãe falava que toda vida ela contava isso. A única coisa que eu lembro é minha avó contando para nós isso, que ela tinha sofrido muito, que ela dormia no mato.

*E o seu avô?*

Ele eu não conheci.